



Protagonismo negro e as novas abordagens da historiografia do pós-abolição

Fernando de Oliveira dos Santos*

SANTOS, F. de O. dos. **Protagonismo negro e as novas abordagens da historiografia do pós-abolição.**

História Social, n. 26, 2023, pp. 372-384.

Resenha do Livro: DOMINGUES, Petrônio. **Protagonismo negro em São Paulo: História e Historiografia.**

São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019, 172 p.

<https://doi.org/10.53000/hs.n26.4348>

A publicação do livro *Protagonismo negro em São Paulo: História e Historiografia* em outubro de 2019, sinaliza para os resultados fecundos de um campo de pesquisa que tem se consolidado na historiografia brasileira, qual seja, o pós-abolição. Todavia, a elaboração dessa obra evidencia muito mais do que isso se pensarmos que o desenvolvimento de um determinado ramo da historiografia não ocorre de forma estanque ao desenvolvimento da consciência coletiva. É fato assente que não apenas a historiografia, mas outras áreas das ciências humanas têm se debruçado no estudo de temas relacionados às questões raciais. Em certa medida, isso

* Mestre em História pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP, 2020).

é resultado do entrelaçamento de vários processos, como as demandas pautadas pelos movimentos sociais, os debates que emergem nos campos acadêmico, político, educacional, nas redes sociais, e até mesmo os eventos e as influências do cenário internacional são componentes dessa atmosfera reflexiva.

Para corroborar essa tendência, pode-se mencionar o sucesso retumbante das obras *Pequeno Manual Antirracista*, da filósofa Djamila Ribeiro (2019), vencedor do Prêmio Jabuti 2020 – na categoria Ciências Humanas, e o profícuo livro *Racismo Estrutural*, do filósofo Silvio de Almeida (2020). Dois trabalhos publicados recentemente, tendo como pontos em comum a análise do racismo numa perspectiva estrutural, direcionados majoritariamente ao grande público. Outro trabalho notável e atual com esse perfil foi publicado por Laurentino Gomes². Nesse primeiro livro de sua trilogia, ele analisa a escravidão no Brasil à luz da historiografia mais hodierna. Portanto, é nessa conjuntura de efervescência de debates e reflexões, tanto no âmbito acadêmico quanto no âmbito da sociedade civil, que a obra de Petrônio Domingues pode ser contextualizada.

Não obstante, é preciso destacar, o historiador pernambucano já vem produzindo pesquisas de enorme relevância acerca do pós-emancipação no Brasil, pelo menos desde os primórdios do século, sendo um dos pioneiros nesse campo de estudos. Por isso é válido ilustrar algumas referências da trajetória acadêmica do autor. Petrônio Domingues é graduado (1997), mestre (2001) e doutor (2005) em história pela Universidade de São Paulo (USP). Possui dois pós-doutorados, o primeiro pela Rutgers – Universidade Estadual de Nova Jersey, nos Estados Unidos, entre 2012-2013; o segundo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), entre 2016-2017.

No tocante à sua organização, o livro é composto por uma breve apresentação, introdução, três capítulos, seguidos pelas considerações finais. Ao longo das 167 páginas, o tema central, fio condutor da obra, como o próprio título sugere, é o protagonismo negro em São Paulo no

² GOMES, Laurentino. **Escravidão**: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares. V1, 1. Ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

pós-emancipação. Entre outras abordagens, o autor se propõe a divulgar e analisar as pesquisas mais recentes acerca das diversas experiências, individuais ou coletivas, de homens e mulheres negras, revelando o papel ativo e propositivo desses personagens no processo histórico. Conforme Domingues afirmou já na introdução, “O livro tem o intuito de mapear e fazer um balanço dessa produção histórica e, na medida do possível, delinear os avanços, apontar as tendências, discutir problemas, impasses e desafios desse novo campo de estudos e pesquisas”³. Portanto, esse novo campo de estudos não tem como foco uma história do negro isolada do contexto mais amplo, o que na prática seria impossível, mas antes revelar o papel ativo de homens e mulheres negras dentro desses processos, em suas múltiplas e complexas interações com os demais grupos sociais.

É bastante profícuo o termo “novo campo” empregado para demarcar tendências historiográficas mais recentes. Porém, conforme assinalou-se, a história do negro no pós-abolição não ocorre de forma paralela à história do Brasil Republicano. O que existem são lacunas na historiografia desse último período, notadamente na chamada Primeira República. Esse questionamento já era esboçado por Domingues desde suas pesquisas da época do mestrado, que resultou em seu primeiro livro. Nesta obra, o historiador constatava que, no período posterior à Abolição “Em vez do negro, os novos personagens privilegiados pela historiografia paulista são imigrantes, operários, anarquistas, ou temas como industrialização, urbanização, modernização, oligarquia cafeeira”⁴.

Contudo, apesar de escassos, surgiram estudos relevantes a partir da segunda metade do século XX, com o intuito de explicar a vida da população negra no pós-emancipação. A obra mais emblemática e a que mais influenciou o campo acadêmico nesse contexto foi *A integração do Negro na sociedade de classes*, de Florestan Fernandes (1965), em sua densa pesquisa sobre o negro na cidade de São Paulo após a Abolição. Por isso,

³ DOMINGUES, Petrônio. **Protagonismo negro em São Paulo: História e Historiografia**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2019, p. 13.

⁴ DOMINGUES, Petrônio. **Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição**. São Paulo: Editora Senac, 2004, p. 24.

logo no início do primeiro capítulo do seu livro, intitulado “Negro no pós-abolição: um sujeito anômico?” Domingues analisa criticamente as principais premissas do sociólogo paulista. A mais questionada de todas as proposições é justamente a da *anomia* dos ex-escravos com o fim do cativo.

Em linhas gerais, conforme a tese de Fernandes, ao longo do escravismo uma espécie de “patologia social” foi gerada nos homens e mulheres submetidos a esse regime de exploração. O trabalho degradante e as condições de vida adversas teriam provocado deformidades no comportamento social do negro, que se mantiveram inalteradas após a Lei Áurea. Assim, como herança desse período perverso, os libertos estariam desprovidos da mentalidade e das aptidões necessárias para se integrarem na emergente sociedade urbano-industrial. Ao contrário dos imigrantes, o negro não teria os atributos morais e técnicos para se adaptar ao trabalho assalariado. Por conseguinte, estariam predispostos a rejeitar certas funções, a descumprirem a rotina e a disciplina exigidas pelo trabalho fabril, não se subordinariam ao controle patronal direto, entre outros comportamentos desviantes⁵.

Segundo Domingues, esse modelo explicativo pautado na tese da anomia social, obteve ampla receptividade no mundo acadêmico, inspirando muitos pesquisadores nas décadas seguintes⁶. Contudo, de forma esmerada e eloquente, o historiador teceu várias críticas aos pressupostos do sociólogo paulista. Um dos apontamentos dirige-se ao modo acrítico pelo qual Fernandes tratou uma de suas principais fontes: as entrevistas feitas com os libertos e seus descendentes. Isso porque os depoimentos dos entrevistados não passaram por um crivo a fim de distinguir suas representações, dos fatos da realidade concreta e multifacetada da população negra após a Abolição⁷.

⁵ FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1965, v. 1, p. 13.

⁶ DOMINGUES, Petrônio. **Protagonismo negro em São Paulo**. *Op. cit.*, 24-25.

⁷ *Ibid.*, p. 24.

Entretanto, o questionamento mais contundente à tese da anomia social refere-se aos seus próprios enunciados. Tendo como quadro referencial a sociedade capitalista emergente, Fernandes considerou o estilo de vida e os valores burgueses como o padrão normativo ideal para todos os segmentos sociais. Domingues assevera que o principal equívoco de Fernandes foi desconsiderar a variedade e a plasticidade das experiências da população negra no pós-abolição. Ou seja, os libertos não eram simplesmente recalitrantes ao modelo de conduta hegemônico e a moralidade vigente no capitalismo. Os homens e mulheres negras dispunham de um amplo repertório de códigos culturais e orientavam-se por uma diversidade de formas de pensar e agir, fazendo valer suas próprias lógicas e estratégias de sobrevivência. Por isso, “Em vez de anômicos, devem ser vistos como pessoas que fizeram uma leitura diferente dos comportamentos, paradigmas e valores considerados ‘padrões’ ou ‘normais’”⁸.

Ainda no primeiro capítulo do livro pode-se destacar o breve, mas significativo, balanço acerca dos novos enfoques teóricos no campo do pós-emancipação. Por meio da citação de vários autores, Domingues evidencia como a partir da década de 1980 e notadamente na década seguinte, brotam trabalhos com perspectivas renovadas, tendo como eixo comum a valorização da *agência* e do protagonismo negro na história. Nesse painel sinóptico também é explicitado como a *anomia social* e outros pressupostos de Fernandes, perdem centralidade enquanto categorias explicativas. Entretanto, não se trata de ignorar a importante contribuição da obra do sociólogo paulista, mas antes de preencher suas lacunas e corrigir suas incongruências⁹.

Desse modo, ao invés da “passividade, sofrimento e apatia” o que os cientistas sociais e historiadores procuram enfatizar desde então, são outras dimensões das experiências da comunidade negra no pós-abolição. É a capacidade de pensar e agir do negro, individual ou coletivamente,

⁸ DOMINGUES, Petrônio. **Protagonismo negro em São Paulo**. Op. cit., 23.

⁹ *Ibid.*, p. 32.

diante dos vários percalços, de elaborar projetos de cidadania, de urdir laços de solidariedade, de negociar e fazer alianças com setores da elite e do governo, de elaborar e reelaborar identidades etc. Em suma, o foco na *agência* dos “novos cidadãos” pouco explorado pela obra de Fernandes, também orientou a agenda das novas pesquisas do pós-abolição sobre inúmeras cidades do interior paulista. O autor apresenta episódios do protagonismo negro em Campinas, a cidade do interior que mais tem recebido atenção dos pesquisadores¹⁰.

No segundo capítulo, intitulado “A agência afro-paulista: desafios pungentes” Domingues prossegue com seu balanço historiográfico. Dessa vez, examina o protagonismo negro em processos históricos mais amplos, revelando dimensões inexploradas pela historiografia do Brasil republicano. Uma das tendências delineadas insere-se na história social do trabalho, na qual as pesquisas vêm descortinando a participação ativa de negros na formação da classe operária brasileira. O historiador menciona estudos de caso, abrangendo as cidades de Santos e Campinas, onde homens negros militaram simultaneamente em organizações do movimento negro e em sindicatos operários. Alguns até estavam filiados ao Partido Comunista do Brasil. Esses processos indicam a complexidade da classe operária, pois trabalhadores portando diferentes identidades, como raça, gênero e nacionalidade podiam se mobilizar para lutarem ou reivindicarem direitos comuns¹¹.

Para além disso, a participação ativa de personagens negros nos processos decisórios também ocorreu na esfera político partidária. Numa espécie de “história a contrapelo” as pesquisas mais recentes têm revelado várias trajetórias de protagonismo de políticos afrodescendentes no pós-abolição. Entre tantas, Domingues destaca a de Esmeraldo Tarquínio. Conforme o historiador, ele nasceu na cidade de São Vicente em 1927. Era filho do cronista esportivo Tarquínio de Campos e da professora de piano e de corte e costura Iraci dos Santos Moura, que também o alfabetizou.

¹⁰ *Ibid.*, p. 44.

¹¹ DOMINGUES, Petrônio. **Protagonismo negro em São Paulo**. Op. cit., 53..

Esmeraldo Tarquínio perdeu seu pai ainda em idade tenra. Com cerca de 10 anos mudou-se para Santos, onde a partir de então, trabalharia em diversos serviços para ajudar no sustento da família. Trabalhou como marceneiro, *office boy*, vendedor e entregador de livros até conseguir um emprego melhor remunerado, como despachante aduaneiro de Santos¹².

Ainda em sua mocidade, Tarquínio filiou-se a um partido político e formou-se em ciências jurídicas e sociais em 1955, tornando-se um advogado conhecido na cidade. Vale salientar, esse jovem negro era talentoso e versátil, já que também cantava e por algum tempo realizou várias apresentações musicais nas noites santistas. Após sua imersão no campo político, sua escalada nessa área foi ascendente e destacada. Contando com seu enorme carisma e capacidade intelectual, aos 32 anos de idade, Esmeraldo Tarquínio foi eleito vereador de Santos. Após três anos, tornou-se Deputado Estadual pelo Movimento Trabalhista Renovador. No entanto, esse afro-paulista tinha aspirações maiores, pois seu sonho era ser prefeito de Santos. Por isso, ainda como Deputado Estadual disputou as eleições para a prefeitura em 1964, obtendo votação expressiva, embora tenha ficado em segundo lugar. Mas esse fato não o impediu de continuar lutando pelo seu sonho. Antes de tentar novamente a eleição para prefeitura, ele conseguiu ser reeleito para o mesmo cargo que ocupava na Assembleia Legislativa. Finalmente, nas eleições de novembro de 1968, Esmeraldo Tarquínio seria eleito o primeiro prefeito negro de Santos¹³.

Segundo Domingues, a proeza conquistada por Tarquínio foi representativa por diversos motivos. Além de ser emblemática por se tratar da eleição de um homem negro para mais um cargo de poder e prestígio, havia outra dimensão relacionada à conjuntura política mais ampla. Isso porque ele era opositor declarado à ditadura militar em vigência no Brasil nesse contexto. Por isso a eleição de Tarquínio para a prefeitura, um afro-paulista “Culto, inteligente, de excelente memória e capaz de se indignar

¹² *Ibid.*, p. 56.

¹³ *Ibid.*, p. 57.

sem ofender o adversário, representava o não de Santos ao golpe de 1964, cujas consequências foram desastrosas para a economia da cidade”¹⁴.

No entanto, esse posicionamento audacioso resultou em uma consequência indesejada, pois foi utilizado como pretexto pelo governo militar para impedir a posse de Tarquínio à prefeitura de Santos, evento marcado para o dia 14 abril de 1969. Ele foi considerado subversivo pelo Conselho de Segurança Nacional e por isso perdeu seus direitos políticos por 10 anos, além do mandato de Deputado Estadual. Conforme Domingues, Tarquínio já estava sob suspeição pelo menos desde 1965. Em junho desse ano, o então Deputado Estadual participou de um evento, que contava com a presença de várias autoridades militares. Nesse almoço, ao aceitar fazer um discurso, ele aproveitou a oportunidade para criticar o Exército. “Classificou-o de antidemocrático, racista, partidário de interesses estrangeiros e defensor do alto custo de vida”¹⁵. O tenente coronel Rubens Fleury Varela se posicionou imediatamente, insultando o deputado, chamando-o de “negro subversivo” e insinuando que Tarquínio estaria vinculado ao comunismo russo¹⁶.

Esses poucos episódios são elucidativos porque evidenciam o protagonismo e *agência* do negro em processos históricos abrangentes. Outras trajetórias semelhantes – com maior ou menor notoriedade – estão sendo esmiuçadas, reconstruídas e reveladas pela nova historiografia do pós-abolição.

Ainda no segundo capítulo Domingues destaca o papel ativo de homens e mulheres negras no campo da cultura. O historiador discorre sobre a relevância dos Clubes organizados pelos afro-paulistas após o fim do cativo. Essas associações – a despeito de suas peculiaridades – tinham em comum o fato de serem fundadas por pessoas da comunidade negra e serem mantidas por elas próprias, sem o apoio de qualquer instituição estatal, tal como os jornais da imprensa negra. Várias atividades e eventos

¹⁴ DOMINGUES, Petrônio. **Protagonismo negro em São Paulo**. *Op. cit.*, p. 57.

¹⁵ *Ibid.*, *loc. cit.*

¹⁶ *Ibid.*, *loc. cit.*

eram promovidos pelos clubes negros em seus salões, como festas, saraus e principalmente os bailes dançantes. Assim, “É inegável sua importância – como espaço de sociabilidade, de trocas de experiências de (re) definição de identidades, de atualização das tradições, de produção de símbolos culturais afro-diaspóricos e de lazer”¹⁷.

Na parte final do segundo capítulo, as realizações no campo da educação são examinadas. Domingues destaca as várias iniciativas pedagógicas e as escolas criadas por membros e associações da comunidade negra. A despeito dos percalços, como a limitação de recursos, a precariedade das instalações escolares, a formação incipiente dos professores, essas iniciativas autônomas foram significativas nesse contexto. Isso porque elas emergiram primordialmente como resposta à falta de oportunidades de escolarização formal e à discriminação racial. Desse modo, no pós-abolição paulista inúmeros estabelecimentos de ensino foram instituídos para ofertar educação elementar às crianças negras e também não negras de baixa renda¹⁸.

As aspirações e expectativas do negro acerca da escolarização também foram objeto de reflexão. Conforme Domingues, a educação para os libertos e seus descendentes abarcava uma pluralidade de significados e perspectivas. Se para muitos o letramento era percebido como um meio para obter qualificação visando um emprego melhor, para outros, podia ser um instrumento de luta contra o preconceito racial e por direitos de cidadania. Desse modo, a instrução formal não era apenas um símbolo de distinção social. Era também um expediente que contribuía para a construção de consciência histórica e de identidades coletivas. Isso porque “(...) de sentido polissêmico, ela também poderia proporcionar aos negros a elevação da autoestima e o conhecimento de seus ‘heroicos’ personagens, de sua história e de seus valores culturais, afora lhes permitir estreitar os intercâmbios afro-diaspóricos”¹⁹.

¹⁷ DOMINGUES, Petrônio. **Protagonismo negro em São Paulo**. Op. cit., 64.

¹⁸ *Ibid.*, p. 79.

¹⁹ *Ibid.*, p. 80.

No terceiro capítulo do livro, intitulado “Tendências Historiográficas”, Domingues examina alguns temas candentes das pesquisas do pós-emancipação. Um dos gêneros em ascensão são os estudos biográficos. A reconstrução das trajetórias de homens e mulheres negras têm possibilitado perscrutar diversas dimensões de suas vidas, incluindo o protagonismo que exerceram, aspecto inexplorado pela historiografia mais tradicional. Conforme o autor, a pesquisa biográfica também é fecunda por revelar a interface entre as experiências individuais e os processos históricos no contexto mais amplo. Implica compreender em que medida indivíduo e sociedade são mutuamente influenciados, já que “Dessa perspectiva, o negro é, ao mesmo tempo, ator crítico e produto de sua época”²⁰.

Todavia, segundo Domingues, é preciso salientar que o fulcro do trabalho biográfico não é heroicizar e mitificar personagens, construindo narrativas idealizadas ou romantizadas. Nessa perspectiva, o foco da investigação não é elucidar apenas os aspectos positivos das trajetórias de homens e mulheres negras e ignorar suas incertezas, equívocos, contradições, excessos etc. Portanto, “As tendências historiográficas hodiernas rejeitam narrativas apologéticas, hagiográficas ou simplificadoras; não procuram retratar o biografado como ser perfeito e exemplo a ser seguido”²¹.

Ainda no terceiro capítulo, Domingues destaca o crescimento dos estudos acerca das relações de gênero, cujo escopo é trazer a lume o papel ativo das mulheres negras na história. A busca por autonomia e a luta contra as desigualdades, intercaladas nos marcadores classe, gênero e raça foram aspectos comuns dessas trajetórias. Em um dos estudos sublinhados pelo historiador revelou-se que, mesmo na dependência profissional de seus patrões, muitas mulheres negras não hesitaram em agir diante de injustiças sofridas no ambiente de trabalho. Assim “Opondo-se a essas formas de dominação, elas mudavam amiúde de emprego para se livrar de estupros, assédios sexuais, salários baixos demais e jornada de trabalho

²⁰ DOMINGUES, Petrônio. **Protagonismo negro em São Paulo**. *Op. cit.*, 91.

²¹ *Ibid.*, p. 102.

abusiva, que remetia aos tempos da escravidão e da qual buscavam manter distância a qualquer custo”²².

Outros estudos têm indicado a presença de mulheres afro-brasileiras no Carnaval de rua paulistano. Conforme o historiador, nessas festas elas expressavam sua alegria e vitalidade, participavam de concursos de fantasia, ocupavam a função de porta-estandarte etc. Nos primórdios da década de 1930 um grupo de mulheres negras organizou o Baianas Paulistas – também chamado de Baianas Teimosas – que se tornou o primeiro cordão carnavalesco de São Paulo a desfilar. Segundo Domingues “A agremiação causou algum impacto, conquistou adeptos e, em 1937, deu origem à Lavapés, a mais antiga escola de Samba da cidade”²³.

No final desse tópico Domingues evidenciou o protagonismo de mulheres negras em papéis proeminentes ao longo do século XX. Entre outros exemplos, mencionou o sucesso exponencial da obra literária de Carolina Maria de Jesus (1914-1977); O da psicanalista Virgínia Leone Bicudo (1910-2003); e o de Theodosina Rosário Ribeiro (1930-2020), primeira vereadora negra eleita na capital paulista em 1968 e no ano de 1970, a primeira deputada estadual paulista²⁴.

Na parte final do livro o historiador enfatiza os estudos acerca das experiências da comunidade negra numa perspectiva transnacional. Em uma das abordagens, procura-se comparar as condições de vida e as estratégias de sobrevivência dos afrodescendentes de países e regiões diferentes. Em outro enfoque do contexto transatlântico, analisa-se as múltiplas trocas, discursos, a interlocução de ideias e projetos, envolvendo intelectuais, jornalistas, políticos, ativistas negros etc. Segundo Domingues, pesquisas com esse direcionamento são fecundas pois revelam como expectativas coletivas em âmbito local estiveram atreladas a uma esfera transnacional, para não dizer global²⁵.

²² *Ibid.*, p. 107.

²³ *Ibid.*, p. 109.

²⁴ DOMINGUES, Petrônio. **Protagonismo negro em São Paulo**. Op. cit., 110.

²⁵ *Ibid.*, p. 121.

Nosso intuito nessa resenha foi apresentar uma síntese do instigante livro de Petrônio Domingues. Demonstrando vasta erudição, o historiador cumpriu de forma competente e exitosa seu propósito, qual seja, mapear e examinar as principais tendências historiográficas do período pós-abolição. Nesse sentido, tecer qualquer crítica a uma obra que buscou atualizar os resultados das pesquisas de um campo de estudos emergente, cujo autor é um dos pioneiros, demandará enorme cuidado analítico. Portanto, nos limitaremos a fazer duas observações pontuais sobre dois conceitos utilizados na obra.

Como o propósito do livro é tratar de questões de caráter historiográfico, percebe-se que o autor poderia esmiuçar melhor dois conceitos-chaves para a compreensão geral do trabalho, notadamente os leitores não especializados. No caso do conceito *pós-emancipação* ou *pós-abolição* seria salutar tratar de uma possível delimitação, pois ficou nítido o ponto inicial do recorte temporal, mas até que ponto essa baliza se estenderia? Até os dias atuais? Não obstante, segundo Flávio Gomes, trata-se de uma questão complexa, pois há uma ampla percepção de que a cidadania negra desde o 13 de maio ainda não se consumou plenamente na atualidade. Por isso, para o historiador “Por sua longa duração, a trajetória do pós-abolição se transformou numa estrada aparentemente sem fim”²⁶.

No mesmo sentido, a categoria *agência* utilizada na perspectiva teórica do historiador Edward P. Thompson (1981), para enfatizar o papel ativo e criativo dos sujeitos históricos, com base em suas experiências culturais, poderia receber uma análise conceitual mais pormenorizada. Contudo, isso não comprometeu o entendimento geral do conceito no livro, pois evidenciou-se muito bem os pressupostos antagônicos, entre a noção de *anomia* e a de *agência humana*.

²⁶ GOMES, Flávio dos Santos; DOMINGUES, Petrônio José. **Experiências da emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980)**. São Paulo: Selo Negro, 2011, p. 12.

Referências

ALMEIDA, Sívio de Almeida. *Racismo estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

DOMINGUES, Petrônio. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Editora Senac, 2004.

FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1965. v. 1.

GOMES, Flávio dos Santos; DOMINGUES, Petrônio José. *Experiências da emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980)*. São Paulo: Selo Negro, 2011.

GOMES, Laurentino. *Escravidão: Do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares*. V1, 1. Ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno Manual Antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

THOMPSON, Edward Palmer. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

Recebido em: 26/01/2021

Aprovado em: 02/03/2024